

ARTIGO

**SIGNOS IDEOLÓGICOS E VOZES SOCIAIS EM UM COLÉGIO DA
BRIGADA MILITAR**

(Ideological Signs and Social Voices in a Military Brigade School)

(Signos Ideológicos y Voces Sociales en un Colegio de Brigada Militar)

João Ricardo Fagundes dos Santos ¹
(UPF)

Marlete Sandra Diedrich ²
(UPF)

Recebido em: outubro de 2020
Aceito em: março de 2021
DOI: 10.26512/les.v22i2.34674

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Professor e assessor pedagógico na rede privada de Passo Fundo e formador de professores pela SM Educação- Região Sul – 115713@upf.br.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Linguística, Língua Portuguesa e Prática de Ensino na Universidade de Passo Fundo – marlete@upf.br.

RESUMO

Este trabalho discute a dinâmica interacional do Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS (CTBM-PF). O estudo configura-se no âmbito da Análise Dialógica do Discurso, do Círculo de Bakhtin, tendo como objetivo analisar as relações dialógicas na dinâmica interacional do CTBM-PF, verificando a relação do uso de signos com a atmosfera heteroglósica dialogizada no contexto social de um colégio militar e sua tensão de forças e vozes sociais. O trabalho constata que interagir é trabalhar nas fronteiras de diferentes vozes sociais, ambiente que gera tensões dialógicas e que constituem os sujeitos.

Palavras-chave: Interação. Colégio Militar. Heteroglossia Dialogizada..

ABSTRACT

This paper discusses the interactional dynamics of the Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS (CTBM-PF). The study is configured within the scope of the Dialogical Discourse Analysis, of the Circle of Bakhtin, with the central objective of analyzing the dialogical relations in the interactional dynamics verifying the relationship of the use of signs with the dialogized heteroglossic atmosphere in the social context of a military college and its tension of forces and social voices. The work notes that to interact is working on the frontier of different social voices, in dialogical tensions that constitute the subjects.

Keywords: Interaction. Militar School. Dialogized Heteroglossia

RESUMEN

Este artículo analiza la dinámica de interacción del Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS (CTBM-PF). El estudio se configura en el ámbito del Análisis del Discurso Dialógico, del Círculo de Bakhtin, con el objetivo de analizar las relaciones dialógicas en la dinámica interaccional del CTBM-PF, verificando la relación del uso de signos con la atmósfera heteroglósica dialogizada en el contexto social de un colegio militar y su tensión de fuerzas y voces sociales. El trabajo encuentra que interactuar es trabajar en las fronteras de distintas voces sociales, un entorno que genera tensiones dialógicas y que constituyen los sujetos.

Palabras clave: Interacción. Escuela Militar. Heteroglosia dialogada

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho³ delimita-se na análise das relações dialógicas da dinâmica interacional do Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Passo Fundo (doravante CTBM-PF), amparado nos princípios da Teoria Dialógica do Discurso (TDD), do Círculo de Bakhtin⁴. O olhar pesquisador aqui se direciona para o texto e o discurso, assim como para o ensino e o trabalho de análise e intervenção nas interações em contextos escolares. Nosso trabalho de pesquisa busca aproximar a investigação científica da realidade escolar, principalmente nas pesquisas que trabalham com a linguagem imbricada à constituição do sujeito e do ensino. Especificamente, neste trabalho, ressaltamos a

³ Este artigo configura-se como um recorte do trabalho de investigação realizado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL-UPF), que resultou em uma dissertação de mestrado.

⁴ A Teoria Dialógica do Discurso formula um conjunto de procedimentos analíticos, baseados em um arcabouço teórico de Mikhail M. Bakhtin e seu círculo. Neste trabalho, será usada a referência “Círculo de Bakhtin”, que engloba reflexões teóricas de M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov, Pável N. Medviédev, além de outros intelectuais russos. Evitando entrar na discussão de autoria das obras, optamos aqui por tratar as contribuições como pertencente do “Círculo”, escolha aparada pela afirmação de Vasilev (2006, p. 302): “a maioria dos pesquisadores prefere falar no ‘Círculo de Bakhtin’, onde nasciam umas ou outras ideias ou alguns textos, evitando dizer qualquer coisa de caráter categórico em relação a isso”.

particularidade das escolas militares e como se dá a produção de sentido nas interações desse meio escolar específico, observando as relações dialógicas entre os signos e as vozes sociais nas quais os discursos desse ambiente se ancoram.

Conforme a proposta teórica do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009), entendemos a análise do discurso e as formas de interação na vida social numa dimensão dialógica, apresentando a realidade social como estruturante do uso da língua. Dessa forma, observando os elementos sociais, históricos e culturais do contexto social do colégio militar estudado, analisamos o sentido advindo das relações dialógicas dos signos ideológicos, presentes no discurso dos alunos nas interações nos mais variados ambientes desse colégio. O trabalho apresenta como elementos analisados as interações entre alunos, professores, funcionários civis e militares do CTBM-PF, dados de Santos (2020). As interações aqui analisadas são um pequeno recorte, que foram elaborados a partir dos regulamentos do CTBM-PF e das informações advindas das observações a campo do pesquisador.

Toda nossa discussão está formulada na ideia de que o sentido do discurso está situado no meio social que envolve o indivíduo e nas vozes sociais que evoca. Seguindo a proposta da TDD, propomos a discussão sobre as formas de interação na vida social por meio de uma dimensão dialógica, apresentando a realidade social como estruturante do discurso. Sendo assim, voltamos nossa análise à compreensão dos signos intrinsecamente ligada com a tensão dialógica das vozes sociais e da atmosfera heteroglóssica presente no discurso da realidade sociocultural observada.

Dessa forma, o objetivo central deste estudo é analisar as relações dialógicas na dinâmica interacional do CTBM-PF, verificando a relação do discurso com a atmosfera heteroglóssica dialogizada no contexto social de um colégio militar e sua tensão de forças e vozes sociais. Para tanto, organizamos o artigo da seguinte forma: inicialmente, apresentamos questões centrais advindas dos estudos da ADD que respaldam o percurso teórico-metodológico do trabalho com os conceitos de dialogismo, interação, heteroglossia dialogizada e vozes sociais; na sequência, recuperamos dados da pesquisa já mencionada, para realizarmos a análise das relações dialógicas dos signos ideológicos na dinâmica interacional do CTBM-PF, verificando a relação do uso desses signos com a atmosfera heteroglóssica dialogizada no contexto social de um colégio militar e sua tensão de forças e vozes sociais; e por fim, apresentamos as considerações finais de nossa reflexão.

1. O CÍRCULO DE BAKHTIN E A CONCEPÇÃO DE INTERAÇÃO DIALÓGICA

A participação do homem em sociedade é feita por meio da interação, constituída de elementos linguísticos, mas também de elementos sociais, culturais e ideológicos. Para entendermos

a relação entre discurso e contexto, abrimos a discussão sobre concepção de interação dialógica, proposta pelo Círculo de Bakhtin, o que nos ajudará na compreensão dos signos ideológicos que constituem o discurso presente no contexto social do Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS.

Os conceitos e princípios de Mikhail Bakhtin e seu Círculo diante da linguagem delineiam o conceito unificador das obras do Círculo: o dialogismo. Para o Círculo, a língua em uso, concreta e viva é *dialógica*. Dialógica tanto no estreito diálogo entre duas pessoas, quanto em uma ideia mais ampla, em que discurso de um é constituído a partir do discurso de muitos outros, muitas vozes, em uma corrente contínua. A reflexão aqui proposta baseia-se nas propostas do Círculo, atualizadas na Análise Dialógica do Discurso (ADD), cujos princípios, segundo Sobral e Giacomelli (2016), podem ser assim resumidos:

A ADD estuda a língua e o discurso. Suas propostas não esquecem a língua, mas se concentram no que está além da língua: o uso da linguagem no discurso, a enunciação, a interação como lugar em que nasce o sentido. Para analisar seu objeto, que é a interação, o intercâmbio verbal, a troca linguística, a ADD leva em conta as relações dialógicas (que envolve a presença das palavras dos outros naquilo que dizemos), as relações entre o sistema linguístico (estudado por Saussure, por exemplo) e o uso da língua ou linguagem (estudado pelo que a ADD chama de translinguística, que está além da linguística porque considera um objeto que não é o dessa disciplina, mas que incorpora o objeto dela). Assim, a ADD trabalha com enunciados (discursos) realizados nas práticas de linguagem, não as frases de obras literárias. Por isso, a base da análise não é a gramática ou as significações da língua, mas o uso da língua no contexto. O trabalho envolve os enunciados reais, as formas dos enunciados (ou gêneros do discurso) e as significações na língua: todo enunciado é lido em termos de seu contexto social e histórico mais amplo, do gênero de que faz parte e dos recursos linguísticos que usa. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1091).

É a partir desses princípios que respaldamos nosso trabalho de análise. Já que não há expressão humana livre do social, analisamos como o discurso emerge de uma situação de interação, de uma orientação social, de sujeitos sociais e históricos participantes. Sendo assim, discorreremos, nesta seção teórica, sobre o caráter social da linguagem, o signo ideológico e o conceito de heteroglossia dialogizada. Iniciamos a discussão enfatizando a natureza social da linguagem.

1.1 A linguagem como fenômeno social e ideológico

Os estudiosos do Círculo apresentam como objeto de estudo o discurso e a interação nas situações concretas, na realidade fundamental da língua viva, na íntima ligação ao contexto social. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, principal base teórica deste trabalho, Bakhtin e Volochínov (2009, p. 125) explicam que “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. A relação entre os

indivíduos em sociedade e a expressão de cada um por meio de palavras é de natureza social e é um puro produto da interação social.

Tendo em vista o entendimento da linguagem como produção social e coletiva, a referência neste trabalho é à concepção de interação proposta pelo Círculo, que possibilita uma análise das formas de interação na vida social, numa dimensão dialógica, apresentando a realidade social e suas forças como estruturantes do discurso. Essa dimensão dialógica define a peça chave do legado teórico do Círculo, o dialogismo. O termo dialogismo não consta nos textos originais, ele foi instituído pelos estudiosos do Círculo para se referir ao fato de toda utilização da língua ser constituída por muitas vozes, que dialogam entre si formando inúmeras relações dialógicas. O Círculo define a constituição dialógica do discurso, “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo.” (BAKHTIN, 2011, p.293). Abre-se uma maneira de estudar o discurso com espaço para a voz do outro, a qual perpassa o discurso, trazendo desse modo o caráter dialógico da linguagem. A relação eu-tu, da concepção dialógica, vai além dos sujeitos da interação verbal momentânea. Temos agora diferentes vozes sociais que tornam cada um dos indivíduos um sujeito histórico e ideológico.

O dialogismo prevê sujeitos como seres sociais, que são construídos tanto na interação entre eles quanto na interação com a sociedade, levando em conta todos os fatores extralinguísticos que abrangem e interferem nessa interação. Mas, principalmente, os outros discursos, as outras vozes, que formulam nosso discurso. Faraco (2009, p. 49) ressalta que “Nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas”. Isso faz com que um discurso seja, na verdade, um diálogo entre discursos, pois toda interação constitui-se na relação dialógica com muitos outros discursos já ditos anteriormente. A língua é viva na interação verbal, portanto, apresenta-se como um fenômeno social interativo.

Essas considerações respaldam a ideia de que a interação verbal é produto do meio social e das interações sociais, é um fenômeno social que constitui a substância da língua. As relações dialógicas do âmbito social interferem inclusive na escolha da materialidade linguística do enunciado, pois cada sujeito usa a língua em situações concretas e em um contexto real e específico. O sentido daquilo que é dito não parte da única e exclusiva conformidade, mas sim das novas relações dialógicas que realiza no contexto. Então, a palavra isolada do contexto não possui sentido. Os interlocutores consideram a forma linguística “como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 96). Os estudos bakhtinianos ampliam o conceito de signo, que deixa de ser uma entidade de uma única significação, passando a ser dialético, polifônico, social, ideológico. Essas especificidades serão apresentadas a seguir.

1.2 Signo Ideológico: o fenômeno do mundo exterior

O signo é apresentado, nos estudos bakhtinianos, como um produto que demonstra estruturas e relações sociais, campos ideológicos e discursos de outrem. O signo, nessa concepção, efetiva-se como signo ideológico, ou signo sócio-ideológico. Para os teóricos russos, há um universo dos signos. Todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode adquirir um sentido que ultrapasse sua realidade, ganhando valor ideológico em determinado grupo social, tornando-se um signo. Isso é possível somente na interação, pois é na enunciação que dois ou mais indivíduos agregam esse valor a mais no produto, tornando-o ideológico. Reconhecer o caráter ideológico do signo é fundamental, pois mostra que os produtos que fazem parte de uma realidade (natural ou social) também refletem e refratam outra realidade, que lhe é exterior, pois “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31).

Assim, um signo ideológico apresenta um sentido que ultrapassa suas próprias particularidades. Nessa concepção, signo ganha uma realidade bem mais abrangente, que leva em conta muitas materialidades significantes na interação:

Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33).

Esse entendimento é importante para a realização desse trabalho, pois em uma interação devemos analisar inúmeras materialidades formadoras de signos ideológicos, indo além da encarnação material na busca da experiência exterior. A sociedade, que usa, vive e se comunica por signos, também é formada e constituída por esses signos. Ao mesmo tempo em que o signo precisa do contexto social para emergir e ganhar valor, o contexto social necessita de signos para dar forma à sua realidade e exercer transformações sociais. Essa dupla relação, segundo a qual um depende e constitui o outro, mostra que o signo é fundamental para a comunicação e formação ideológica de uma sociedade; mas também mostra que é a sociedade, com todos os seus elementos culturais e históricos, que possibilitam a formação de signos das mais diferentes materialidades e valores.

O princípio fundador da teoria bakhtiniana, o dialogismo, também é constituinte na estrutura de um signo ideológico. A formação de um signo ideológico e sua compreensão passam pela relação dele com outros signos da sociedade, afinal, “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 35). A produção e compreensão dos signos não estão na esfera individual. É necessário dois ou mais sujeitos, uma relação entre “eu”

e “outro”, socialmente organizados, interagindo no curso das relações sociais, para constituir um signo ideológico.

Essa relação com o social e com o “outro” coloca o signo ideológico em uma arena de encontro e confronto de vários contextos, de posicionamentos, de vozes sociais. Fora dessa relação com os conflitos sociais, o signo enfraquece, principalmente quando distanciado desse embate de vozes. Bakhtin e o Círculo trazem a ideia de que é na utilização do signo que acontece o confronto dos valores sociais vivos. Esse fator deixa o signo vivo e dinâmico, “na medida em que muitas verdades sociais se encontram e se confrontam no mesmo material semiótico e no mesmo signo.” (FARACO, 2009, p. 52).

Trazer o elemento confronto de vozes sociais para a discussão aprofunda a compreensão dos signos ideológicos. Percebemos que a significação dos signos não é abstrata, psíquica ou atemporal, ela advém das influências do contexto social da situação de interação: do grupo, da época, do lugar, etc. Mas, como a história mostra uma diversidade enorme de experiências humanas, conseqüentemente, inúmeras realidades sociais são formadas, com grupos, ideologias e interesses sociais distintos, resultando em contextos sociais muito diferentes uns dos outros, que se amparam em diferentes vozes sociais. Apresentamos essa discussão na seção seguinte, com base na sistematização de Faraco (2009) sobre o assunto.

1.3 O encontro de vozes sociais: uma atmosfera heteroglóssica

O Na interação, os interlocutores fazem escolhas linguísticas e não linguísticas, escolhem signos ideológicos, projetam-se no discurso, enquadram-se cultural, social e ideologicamente e conversam uns com os outros. Mas esse “diálogo” vai além do contato físico entre os interlocutores, são discursos e vozes sociais que se encontram. O discurso de cada um é constituído por muitos outros discursos, resultante de múltiplas e heterogêneas experiências concretas dos grupos humanos, de muitas interpretações que os sujeitos possuem do mundo. Sendo assim, nas interações, cada vez únicas, os interactantes se deparam com novas situações sociais, novos signos ideológicos, novas interpretações do mundo, novas ideologias⁵. Os signos ideológicos que usamos na interação social dizem muito da nossa ideologia, que é constituída a partir forças sociais, valores e ideologias do grupo social.

⁵ Ideologia é uma palavra “maldita”, segundo Faraco (2009), porque pode veicular muitas significações. Para não haver dúvida, reiteramos o que o autor diz sobre esse conceito, a partir dos textos do Círculo de Bakhtin: “A palavra ideologia é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano [...]. Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais.” (FARACO, 2009, p. 46).

Usar determinados signos ancora nosso discurso em vozes sociais e estabelece relações dialógicas. O sujeito define sua ideologia usando signos em seu discurso que remetem a múltiplas interpretações e axiologias. Como assevera Faraco (2009, p. 52), “essas axiologias participam, como elementos constitutivos, dos processos de significação, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os inúmeros discursos, as inúmeras línguas ou vozes sociais com que atribuímos sentido ao mundo.”. Isso reforça a capacidade que o signo tem de refletir a realidade, mostrar como ela é, e de refratar a realidade, elaborar refrações/interpretações da realidade. Nós não só falamos do mundo, mas também o interpretamos com nosso discurso. É daí que surge o conceito de vozes sociais:

Para designar essas múltiplas refrações do objeto (esses múltiplos discursos sociais), Bakhtin introduz, nesse texto [O discurso no romance], a expressão *vozes sociais* ou *línguas sociais*, entendendo-as como complexos semiótico-axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo. (FARACO, 2009, p. 56, grifo do autor).

Como o mundo de interações e experiências humanas é vasto e heterogêneo, assim como as várias interpretações e refrações que surgem, não podemos dizer que há apenas uma voz social, mas sim uma multidão de vozes sociais. Para essa multidão, damos o nome de *heteroglossia*⁶, conceito chave para este trabalho. Porém, o mais importante para o Círculo não é esse caráter de “multidão”, ou seja, a quantidade de vozes, mas sim a maneira como acontece o encontro sociocultural entre elas. O Círculo de Bakhtin apresenta a dialogização das vozes sociais, em uma dinâmica onde essas vozes “vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante.” (FARACO, 2009, p. 58). Sendo assim, para os autores do Círculo, o verdadeiro ambiente do discurso, é a atmosfera da heteroglossia dialogizada, a fronteira em que as vozes sociais se entrecruzam.

Bakhtin (2011, p. 327) ressalta que as relações dialógicas e de sentido estão em um “corredor de vozes”, onde a articulação de múltiplas vozes sociais, o ponto de encontro e confronto dessas vozes, se dá tanto em terrenos de concordância e convergência de vozes sociais, como nos confrontos e contradições de valorações e interesses sociais. Faraco (2009, p. 68) ressalta que as relações estabelecidas “não apontam apenas na direção das consonâncias, mas também da multissonâncias e das dissonâncias. Delas podem resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa.”.

⁶ Faraco (2009, p.57-58) apresenta heteroglossia como o conceito que engloba a multidão de vozes sociais. O Círculo de Bakhtin também chamava esse fenômeno de “plurilinguismo”, mas aqui preferimos não usar esse termo. Faraco também lembra que muitos autores referem-se à heteroglossia como equivalente à polifonia, o que, na visão do autor, é uma referência equivocada, já que polifonia está relacionada a critérios mais complexos, como afirma Faraco: “Polifonia não é para Bakhtin um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes” (2009, p. 78).

Faraco ainda lembra a expressão utilizada por Bakhtin para falar dessa dinâmica: “um tenso combate dialógico ocorre nas fronteiras”. (FARACO, 2009, 69). Cada vez fica mais claro que o Círculo considera o ambiente de relações dialógicas, a atmosfera heteroglósica dialogizada, como um espaço de tensão, confronto entre vozes distintas.

Nas fronteiras, no ambiente de tensão e luta de vozes sociais, atuam tendências, forças que definem a maneira de cada interlocutor agir discursivamente. Faraco (2009, p. 69, grifo do autor) apresenta duas forças que atuam no vasto espaço de luta entre as vozes sociais:

forças centrípetas (aquelas que buscam impor uma certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e *forças centrífugas* (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras, por meio de vários processos dialógicos tais como a paródia e o riso de qualquer natureza, a ironia, a polêmica explícita ou velada, a hibridização ou a reavaliação, a sobreposição de vozes etc).

São essas duas forças, centrípetas e centrífugas⁷, que evidenciam o jogo de poder entre as vozes sociais que circulam socialmente. Além de estarem ligadas a fatores importantes, como a luta de classes e a hierarquia social estabelecida, as forças concorrem o tempo todo numa tentativa de: um lado monologizar o discurso e as vozes sociais, de outro, evidenciar o caráter dialógico e a multiplicidade de vozes. A concepção de heteroglossia dialogizada afirma que toda palavra parte de um contexto dialógico, onde forças centrífugas tendem a abrir o horizonte do discurso para uma pluralidade dialogizada de vozes. Porém, os estudiosos também entendem que muitas forças sociais centrípetas tendem a monologizar o discurso, fazendo com que se evidencie somente umas vozes sociais, que se sobreporão às outras.

O jogo de poderes sociais e as palavras autoridade, nesse caso, trabalham em um esforço centrípeto, tentando manter um discurso (e as vozes que ele se ancora) como centro. Mas Bakhtin e seu Círculo acreditam que o mundo pode ser dialógico, polifônico, democrático, pluralista, e que “nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra.” (FARACO, 2009, p. 79).

Na visão bakhtiniana, a atmosfera heteroglósica dialogizada possibilita ao sujeito assimilar vozes sociais distintas e fazer inter-relações entre elas. Nas metáforas de Faraco (2009, p. 84), o sujeito é praticamente um “balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques” e uma “arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias”. Mesmo com forças centrípetas que tentam monologizar as vozes do seu discurso, o sujeito forma-se dentro

⁷ Vale ressaltar que forças centrífugas e centrípetas são conceitos da física. Centrífuga é aquela que exerce uma força rotacional oposta ao eixo central, dispersando a matéria, já a centrípeta exerce uma força rotacional a favor do eixo central, centralizando a matéria, e ambas agem uma em oposição à outra. Quando aplicadas à linguagem, pelo Círculo de Bakhtin, utiliza-se essa mesma ideia de forças centralizadoras e forças descentralizadoras, mas agora relacionadas às vozes sociais presentes no discurso.

da atmosfera heteroglósica dialogizada. São as realidades múltiplas e centrífugas de vozes sociais que constituem um sujeito, e é nessa diversidade de relações e tensões dialógicas que cada sujeito marca sua individualidade e singularidade. Como ressalta Faraco (2009, p. 86), “o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser).”.

É com essa reflexão que analisamos a interação na escola observada. No cotidiano escolar, cada sujeito se constitui por meio do uso de inúmeros signos ideológicos. Mesmo com forças centrípetas buscando monologizar o discurso, os sujeitos e seus discursos estão ancorados em diferentes vozes sociais e mostram uma atmosfera heteroglósica dialogizada. O contexto social da escola militar observada, com seus aspectos sociais, culturais e hierárquicos, apresenta uma dinâmica própria de interação que merece ser analisada à luz dos conceitos bakhtinianos, do confronto de vozes sociais, da tensão entre as forças, da heteroglossia dialogizada.

As interações entre alunos, professores e funcionários militares, no CTBM-PF, evidenciam esse “trabalho na fronteira” de vozes sociais. Então, partimos agora para a análise da dinâmica interacional no colégio, baseada em uma heteroglossia dialogizada, isto é, os signos usados na interação evidenciam o encontro sociocultural de ideologias, que resulta em uma tensão de forças, onde diferentes vozes sociais se entrecruzam continuamente.

2. UM RECORTE DE ANÁLISE DIALÓGICA DA INTERAÇÃO NO CTBM-PF

Nosso trabalho de análise atenta-se para a interação dentro e fora da sala de aula, recuperando alguns signos presentes na interação no CTBM-PF, com o objetivo de analisar a relação do uso desses signos com a atmosfera heteroglósica dialogizada no contexto social de um colégio militar e sua tensão de forças e vozes sociais. Este artigo apresenta um recorte do arcabouço de dados produzidos e analisados no trabalho de pesquisa da dissertação já mencionada, onde o pesquisador observou presencialmente interações no Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Passo Fundo/RS e relacionou as observações com o documento normativo oficial do colégio, o Manual do Aluno Tiradentes (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Nesse recorte, temos o objetivo de analisar os sentidos dos signos que constituem os discursos da interação nesse colégio, com base na relação desses signos com os elementos sociais, históricos e culturais do contexto social do colégio militar e nas forças que definem as vozes sociais em que cada discurso se vê ancorado. Nesse caminho de observação, direcionamos o trabalho para a averiguação da hipótese levantada pelos teóricos do Círculo de Bakhtin, que apresenta o verdadeiro

ambiente do discurso como a atmosfera da heteroglossia dialogizada, a fronteira de tensão de forças em que as vozes sociais se entrecruzam e se confrontam.

O motivo da escolha de observar um colégio militar é devido à sua estrutura de interação diferente da rotina das escolas que não pertencem a essa rede, principalmente em relação às regras levando em conta os princípios do militarismo, como a hierarquia e disciplina militar, funções e obrigações semelhantes à rotina no Exército, além de atividades, eventos e solenidades militares. Essas regras estão discriminadas no Manual do Aluno dos Colégios Tiradentes da Brigada Militar (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Sendo assim, as interações aqui apresentadas apresentam os alunos, os professores e funcionários civis e os militares como interlocutores. As interações, observadas e descritas em diário de bordo, aconteciam durante momentos diferentes do dia, onde o pesquisador presenciava diferentes situações interacionais, em sala de aula e em outros ambientes escolares, como o pátio, corredores, ginásio e campos esportivos. O motivo de se observar para além da sala de aula é justamente para entender como ocorre a dinâmica interacional em um todo, com diferentes pessoas, e não somente no contato do aluno com o professor e seus colegas de turma. Devido à impossibilidade⁸ de gravação das interações, a escolha do diário de campo como instrumento metodológico se deu pela possibilidade de descrever, mas, principalmente, de refletir sobre os acontecimentos e interações observados. Já que o diário serve para apresentação, descrição e ordenação das vivências no estudo de campo, além de retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa.

Dessa forma, os signos ideológicos aqui analisados fazem parte da interação no CTBM-PF, observada pelo pesquisador, registradas nos diários de campo e relacionada aos documentos oficiais. Tendo isso definido, nosso trabalho tem como objetivo as relações dialógicas dos signos ideológicos na dinâmica interacional do CTBM-PF, verificando a relação do uso desses signos com a atmosfera heteroglósica dialogizada no contexto social de um colégio militar, seu embate de forças e tensão de vozes sociais.

Nossa análise apresenta uma forma de interação bem prática e concreta, a saudação. As escolas militares são conhecidas pela cobrança rígida do cumprimento das regras, no comportamento disciplinar e também no linguístico. Para a discussão, trazemos o item número 4, dos Deveres dos Alunos do CTBM, que diz: “Empregar o tratamento de ‘senhoria’ sempre que se dirigir ao Corpo

⁸ O contexto de pesquisa apresentava a dificuldade de captar as interações de maneira espontânea, a dificuldade de conseguir registrar as interações observadas em momentos e lugares diferentes da escola, questões rigorosas de direitos de uso de imagem, tanto de alunos quanto de professores e funcionários militares, e outros critérios particulares da escola que não nos cabe aqui questionar.

Docente, Funcionários Cíveis e Militares Estaduais e, também, aos alunos das séries hierarquicamente superiores.” (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Os pronomes de tratamento são tradicionais quando nos referimos a marcas linguísticas que evocam a polidez linguística. O “tu/você” não são considerados marcas polidas, a depender da cultura. Dessa forma, tendem a serem substituídos por outros referentes, tais como as formas de tratamento “senhor (a)”. Na visão de Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 86), os pronomes de tratamento são considerados atenuadores da brutalidade do tratamento, reiterando a ideia de que funcionam como marcas linguísticas de polidez. Inicialmente, a imposição do uso desse recurso demonstra o valor dado pela escola ao respeito e à harmonia interacional.

Numa visão dialógica mais profunda, percebemos que o uso do tratamento de “senhoria” não é somente uma estratégia de polidez linguística. A regra especifica o uso dessas marcas quando dirigidas ao corpo docente, funcionários civis e militares estaduais. Mas também, aos alunos das séries hierarquicamente superiores, conhecidos como alunos antigos⁹. Essa delimitação demonstra que o tratamento de senhoria, ao invés de servir apenas como um atenuador, ganha um novo valor de marcador de autoridade, mostrando a hierarquia no contexto social do colégio militar.

Nas interações cotidianas dentro da escola, isso fica muito marcado. Os alunos referem-se aos professores por “senhor (a)” e quando se dirigem aos colegas de séries superiores, no pátio ou em outras atividades, o mesmo acontece. E como o uso não é facultativo, ou seja, todos os alunos devem usar esses recursos linguísticos toda vez que se dirigirem a alguém de ordem superior à sua, a noção de polidez enfraquece, e o que prevalece é a necessidade de adequação do discurso ao contexto social que o engendra. A realidade social condiciona o discurso dos alunos, as forças das vozes sociais do militarismo fazem com que usem determinadas estratégias de polidez linguísticas para se integrarem àquele contexto social. O tratamento de senhoria é um signo ideológico do CTBM-PF, não usado como polidez, mas pela necessidade de marcar a hierarquia e o respeito aos superiores. Por exemplo, observamos que os alunos se dirigem aos colegas de série superior dizendo *com licença, senhor fulano* para então começarem a conversa, como registrado nas observações do pesquisador. Tanto o uso do “com licença”, quanto do “senhor (a)” causa estranhamento para quem analisa de fora, pois são alunos, adolescentes de quase a mesma idade, muitas vezes amigos, tratando-se de maneira tão estruturada e padronizada.

⁹ Nomenclatura utilizada no colégio e registrada nas observações. “Antigo” é a designação utilizada para os alunos há mais tempo na escola e “moderno” para os alunos que entraram na escola recentemente, independente da sua idade. Dessa forma, os alunos do 3º ano são considerados antigos em relação a todos, os do 2º anos são considerados modernos em relação aos do 3º ano e antigos para os do 1º ano, já os alunos do 1º ano são considerados modernos em relação a todos os outros.

Tudo isso, definido pelo jogo de poderes sociais, mostra a influência das forças centrípetas que tentam monologizar o discurso e manter as vozes sociais do militarismo e sua rígida hierarquia como a voz predominante no discurso. Outros signos são usados para a adequação do discurso ao contexto social militar, que requer respeito ao princípio de hierarquia dentro do colégio. Atitudes não linguísticas, como a regra de “Saudar na forma regulamentar e respeitosa (continência, saudação, aperto de mão) todas autoridades, funcionários civis e superiores hierárquicos, integrantes da Brigada Militar.” (RIO GRANDE DO SUL, 2012). Assim como os signos “senhor” e “senhora”, saudação verbal para os superiores, a saudação gestual também é um signo que faz parte da arquitetura da interação é tão significativa quanto. Trazemos dois exemplos, observados nas interações: alunos modernos, na fila do lanche, saudando alunos mais antigos com continências. Na saída da escola, alunos mais modernos passando pelos militares da portaria e pelos alunos mais antigos que estavam na recepção, dizendo “Até logo, senhor” e prestando continência.

Nítidamente, essas interações e seus signos ideológicos apresentam-se repletas de relações dialógicas com as forças sociais hierárquicas e de poder, ancoradas em vozes sociais militares que definem e determinam o uso dos seus signos e a maneira como a interação acontece. A importância dada à hierarquia, no colégio, mostra a influência das forças centrípetas que tendem a monologizar as interações e deixar a voz social do militarismo como a predominante. Ser superior na hierarquia escolar, tanto professores quanto os próprios alunos, significa ter uma abordagem interacional diferente. Isso reforça a ideia dos jogos de poder, nos quais a voz social predominante define os princípios que regem a interação. No caso do CTBM-PF, por ser um colégio militar, administrado e regido por polícias militares, as forças centrípetas tendem a centralizar toda interação e discurso nos princípios militares, como apresentado até aqui, a rígidas regras de hierarquia.

Analisando essas interações, percebemos que são inúmeros os signos ideológicos que afirmam e reforçam a força social da hierarquia dentro do CTBM-PF. Esses signos *linguísticos* – como o tratamento de “senhor” e a nomenclatura “antigos e modernos” – e *não linguísticos* – como as continências aos superiores – ancoram-se nas vozes sociais do militarismo e estabelecem íntimas relações com a vertente militar que predomina no contexto do colégio.

O discurso dos alunos do CTBM-PF, constituído dos signos que vimos até agora, vai aos poucos criando e atualizando a realidade sociocultural e ideológica do colégio. Em meio às interações e condicionados ao meio social do CTBM-PF, os signos ideológicos surgem, no discurso, ancorados às vozes sociais. Numa análise dialógica mais profunda, percebemos a interação entre sujeitos considerados superiores, que ganham novo status social nessa instituição. Observamos o discurso formado dialogicamente pela estrita relação com as vozes sociais e ideológicas do Exército e da Brigada Militar, frisando princípios como hierarquia e o respeito à autoridade.

Observando assim, vemos que a palavra de autoridade nesse contexto é a militar. Também confirmamos o que diz Faraco (2009, p. 85-86)

A palavra de autoridade, em seus variados tipos, é aquela que nos interpela, nos cobra reconhecimento e adesão incondicional. Trata-se de uma palavra que se apresenta como uma massa compacta, encapsulada, centrípeta, impermeável, resistente a bivocalizações.

Conforme discutimos, as tendências centralizadoras e monologizadoras apresentam-se de maneira mais forte, usando o poder social para tentar manter uma voz em evidência. A voz mais forte e de autoridade no colégio, a qual as forças centrípetas dos jogos de poder fazem predominar, é nitidamente a militar. Porém, segundo Faraco (2009, p. 79), “nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra”, sempre há a resistência, sempre há a busca da dialogização de vozes. Mas será que isso acontece em um contexto tão marcado pelo jogo de poderes e forças sociais como o colégio militar? Há espaço para a heteroglossia dialogizada em um contexto escolar militar? Para discutir essa questão, trazemos alguns exemplos.

Em um momento de intervalo, quando os alunos estavam no pátio e nas salas de aula mais relaxados e descontraídos, uma menina do 1º ano entra na sala do 3º ano e fala (em tom alto e até grosseiro): *Me dá aqui uma borracha, rápido, que eu não acho a minha!*. Uma aluna do 3º ano interrompe a conversa com as colegas, levanta, pega uma borracha no estojo e alcança para a menina do 1º ano, que sai apressada. Esse fato quebra todas as regras hierárquicas de saudação, previstas pelo Manual do Aluno e vivenciadas na escola. A menina do 1º ano, além de ser mais moderna e interferir na conversa das mais antigas sem permissão, não tratou a aluna do 3º ano por senhora, conforme manda o regulamento. Até que a mais antiga disse: *Ter irmã mais nova é um saco! Vivem pegando as coisas da gente*. O fato era: elas eram irmãs. Outras forças, para além das vozes militares, imperavam na relação entre as duas. Por serem irmãs, os laços e os vínculos eram mais estreitos, a intimidade era maior e as regras que regem a interação e o uso da língua, entre as duas, era diferente dos demais.

Em outra situação, no meio de uma aula, a professora está repassando as obras literárias que os alunos precisam ler para realizar a avaliação do trimestre. Ela fala dos livros de maneira bem descontraída, brinca com os alunos, usa ironia, faz piadas das obras e compara as histórias com a vida dos alunos, num tom engraçado e leve. Os alunos também entram na brincadeira, fazem piadas e discutem sobre os livros. Quando a professora passa o cronograma e os prazos de leituras, os alunos ficam um pouco apreensivos, afinal, o prazo era pequeno e a lista era grande. Quando a professora, em um tom de brincadeira e ironia, diz que eles irão perder noites de sono lendo os livros, um dos alunos diz, em tom de deboche: *Com licença, senhora professora. A senhora deve estar é maluca*

para ter uma ideia dessas!. Vários aspectos podem ser analisados nessa fala do aluno. Começamos pelo tom de deboche que ele usa com a professora. No meio de uma conversa descontraída e de piadas, ele pede *com licença, senhora professora*, nitidamente para debochar dessa forma de tratamento. O aluno sabe que possui intimidade com a professora e aproveita para tirar sarro da própria forma como eles tratam seus superiores. Além disso, logo depois de chamá-la de senhora, ela a chama de maluca, o que desconstrói qualquer possibilidade dessa frase ser realmente séria e adequada às normas de hierarquia.

A professora, em contrapartida, não o interpela e se irrita pela falta de “hierarquia” na sua colocação. Pelo contrário, ela ri e continua em tom de brincadeira a aula. O deboche, a ironia, a intimidade e o humor, nesse caso, mostram-se como forças centrífugas que tiram do centro as vozes militares e apresentam outros diálogos. E, ainda, a situação descrita e outras semelhantes, de brincadeira entre alunos e professores aconteceram sempre em sala de aula, sem a presença dos policiais militares.

Trazendo esses exemplos para a relação com as forças hierárquicas, que funcionam como um movimento centrípeta colocando as vozes militares como as mais importantes, percebemos que os policiais militares são os responsáveis pela manutenção dessa monologização do discurso e das interações. Pois, somente com a professora ou somente entre os alunos, ele não precisava seguir essas regras das vozes sociais militares, em sala de aula ele está em contato com outras vozes. Agora, na presença dos militares, a tendência em monologizar e condicionar as ações e comportamentos a uma única vertente (as vozes sociais militares) é mais forte. A sala de aula mostra-se como um ambiente dialogizado, uma atmosfera heteroglósica.

Isso mostra o que a teoria prescreve: todo dizer é “o ponto de encontro e confronto de múltiplas vozes” (FARACO, 2009, p. 60). Inúmeras forças centrípetas esforçavam-se para manter a voz social militar, com seus preceitos hierárquicos, como predominante em todas as interações e dizeres no CTBM-PF. Mas vozes diferentes, como a familiaridade, intimidade, aproximação afetiva e social, também entram na constituição e se misturam com os preceitos das vozes sociais militares. Ninguém consegue, por mais intensa que sejam as forças centrípetas dos jogos de poderes, manter uma interação ancorada somente em uma voz social. Algumas forças centrípetas, na interação, tentam manter a voz social militar como a central, mas em momentos de maior descontração e relaxamento, os sujeitos aqui observados, os alunos, deixam-se influenciar por outras vozes e mostram a heteroglossia dialogizada que é constituinte de todo ato de dizer e interagir.

A palavra varia conforme o interlocutor e o seu contexto, se esse for “uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por traços sociais mais ou menos estreitos.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 271). As forças

centrífugas colocam os interlocutores em posições de fronteira, pois ao mesmo tempo em que possuem vozes militares impondo determinadas ações, também há um encontro de outras vozes que possibilitam outras maneiras de agir, mais íntimas e carinhosas, sem tantas regras hierárquicas.

O mais interessante é o fato de, na ausência dos militares, é evidenciada a heteroglossia dialogizada e sua tensão dialógica resultante do encontro de diferentes vozes sociais no discurso dos participantes da interação. As vozes sociais militares ganham força quando a interação é monitorada por aqueles que formularam e fiscalizam tais regras, muitas vezes, sem a presença dos militares, abre-se espaço para outras vozes. As interações regradas e vigiadas por militares, com signos desse contexto social, cultural e ideológico do Exército e da Brigada Militar, auxiliam nas forças centrípetas que buscam manter essas vozes, as militares, como o centro da interação. Porém, notamos também que, em interações não tão estruturadas, sem a presença dos militares, forças centrífugas conseguem deixar outras vozes emanarem e possibilita um encontro e um diálogo entre essas outras vozes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho de análise atenta-se para a interação dentro e fora da sala de aula, recuperando alguns signos presentes na interação no CTBM-PF, com o objetivo de analisar as relações dialógicas e a relação do uso desses signos com a atmosfera heteroglóssica dialogizada no contexto social de um colégio militar e sua tensão de forças e vozes sociais. Um trabalho sobre interação, como percebemos no processo realizado nesta dissertação, muda a visão sobre língua, linguagem e mundo de qualquer pesquisador. A língua está em uso, em sociedade, refletindo o mundo que conhecemos, refratando/interpretando tudo e todos que estão à nossa volta.

Observando os signos presentes nas interações do colégio, percebemos confronto de vozes sociais. Com base na Teoria Dialógica do Discurso (TDD), do Círculo de Bakhtin, pudemos analisar as relações dialógicas dos signos ideológicos na dinâmica interacional do CTBM-PF e chegar a algumas conclusões. Percebemos que, em um colégio militar, o contexto social, cultural, histórico e ideológico é baseado nos elementos do Exército e da Brigada Militar. Assim, as vozes sociais, os princípios, a missão e os objetivos do colégio vinham de uma realidade bem específica: o militarismo. Junto com essa voz militar, percebíamos outras que se relacionavam a ela: a hierarquia, a disciplina, os preceitos éticos e morais, o autoritarismo, a meritocracia, entre outras vozes. O monitoramento por parte dos militares funciona como uma força centrípeta que controla a multidão de discursos, tenta impor um jogo de poderes sociais que definem as vozes militares como mais importantes, monologizando o discurso.

Porém, percebemos que as interações, até dentro de um contexto monologizador, possuem um caráter dialógico fundador. Não há discurso com somente uma voz. Em certos momentos, há uma tendência derivada de forças centrípetas que deixam as interações ancoradas mais em uma voz do que em outras. Mas sua raiz constituinte será sempre dialógica e na primeira possibilidade de extrapolar outras vozes, o discurso retorna ao seu papel inicial de ser fronteira de vozes. Sem o monitoramento militar, o discurso e as interações exploram o potencial dos encontros de vozes, usam a heteroglossia dialogizada, trabalham nas fronteiras. Interagir, em um colégio militar ou em qualquer outro lugar, é trabalhar nas fronteiras, é saber jogar o jogo de poderes sociais que o contexto social formula, mas também possibilitar o diálogo e o encontro das mais diferentes vozes sociais que constituem os sujeitos da interação.

Os colégios militares possuem suas particularidades. Essa dinâmica interacional apresentada é uma delas, que abre precedentes para questionamentos como “Até que ponto esse confronto tão expressivo de forças é benéfico ou maléfico no processo de aprendizagem?”. Essa e outras indagações iriam requerer anos de pesquisa e exploração, que não cabem nesse trabalho, mas que podem surgir a partir dele.

Não queremos aqui apresentar um encerramento dessa discussão e nem dar por finalizado esse estudo, afinal, esse foi apenas um recorte de uma pesquisa maior, com análise de mais interações. E mesmo assim, muito ainda se tem para pesquisar sobre a realidade social da linguagem, das interações escolares, dos contextos dos colégios militares e da relação língua e sociedade. Um ambiente tão rico em informações e elementos culturais, sociais, históricos e ideológicos, como é a escola demanda um trabalho ininterrupto de pesquisa. Por enquanto, apresentamos nosso trabalho como um pequeno pedaço dentro desse grande “balaio de vozes”, como diz Faraco, de discussão sobre interação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Flores, 2011.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). *Portaria n° 535/EMBM/2012*. Manual do Aluno, Regulamento de Uniformes, Insígnias, Distintivo e Apresentação Pessoal dos Colégios Tiradentes da Brigada Militar (RUAP/CTBM), Regulamento Disciplinar dos Colégios Tiradentes da Brigada Militar (RD/CTBM). 13 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://colegiotiradentes.g12.br/institucional/legislacao/manual-do-aluno-tiradentes/>. Acesso em: 09 nov. 19.

SANTOS, J. R. F. *A dinâmica internacional em um colégio da Brigada Militar: os rituais de interação, as vozes sociais e as fronteiras discursivas*. 2020. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, RS, 2020.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 10, p. 1076-1094, 2016.

VASILEV, N. L. A história da questão sobre a autoria dos “textos disputados” em estudos russos sobre Bakhtin (M. M. Bakhtin e seus co-autores). In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 290-304.